



E AGORA, BRASIL?

Velha política parte turbinada para eleições

Com o controle de emendas parlamentares e um fundo eleitoral de quase R\$ 5 bilhões, políticos veteranos se fortalecem para o pleito deste ano e devem sepultar de vez a alardeada renovação do Congresso Nacional

» JORGE VASCONCELLOS

Três anos depois da eleição que promoveu uma grande renovação na Câmara e no Senado, em meio à onda anticorrupção que ajudou Jair Bolsonaro (PL) a conquistar a Presidência da República, o balanço desse período sinaliza que o mesmo fenômeno não deve ocorrer no pleito de 2022.

A atual legislatura começou com 243 deputados federais eleitos pela primeira vez, o que corresponde a 47,3% das cadeiras da Câmara. No Senado, a mudança foi ainda maior: das 54 vagas em disputa, 46 foram ocupadas por estreantes — 85%.

Desde então, porém, a alardeada renovação se limitou a novos rostos. Nesses três anos, vários deputados e senadores eleitos com a bandeira do bolsonarismo acabaram se tornando adversários do governo, em meio a uma sucessão de crises. Isso aconteceu, por exemplo, com parlamentares do PSL, em razão de um racha interno no partido pelo qual o presidente foi eleito. Sem o apoio do Planalto, que envolve, entre outras benesses, a liberação de emendas, muitos desses congressistas caíram no anonimato.

Ao mesmo tempo, o que se viu, nesse período, foi o fortalecimento da chamada “velha política”, que o bolsonarismo prometeu erradicar. O Centrão, por exemplo — bloco partidário sem coloração ideológica definida e que, tradicionalmente, apoia os governos —, ficou ainda mais poderoso ao se aliar a Bolsonaro. Com o controle da destinação de verbas de emendas parlamentares, sobretudo as do orçamento secreto, esse grupo tem privilegiado políticos veteranos, que ganham fôlego para tentar a

reeleição neste ano.

Outro fator que pode inibir uma grande renovação no Congresso é o valor do fundo eleitoral, aumentado pelo Congresso de R\$ 2 bilhões para R\$ 4,9 bilhões. A distribuição desses recursos, segundo analistas, deve privilegiar candidatos que estão no exercício do mandato.

A queda de popularidade de Bolsonaro também tem potencial para impactar as eleições proporcionais. O apoio declarado do presidente a postulantes ao Congresso não deve ter o mesmo peso de três anos atrás.

Por outro lado, o favoritismo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na corrida pelo Planalto, apontado pelas pesquisas, pode refletir positivamente nas campanhas de candidatos de partidos progressistas ao Congresso. Outro trunfo desse segmento é a ideia da criação de uma federação de legendas de esquerda.

“O arquivamento dos processos do Lula deu gás grande para a esquerda em geral e para o PT, em particular. O PT tinha apoio popular abaixo de 15%; hoje, chega a 28%. Isso vai se reverter em votos”, avalia Antônio Augusto Queiroz, analista político e diretor de documentação do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap).

Segundo ele, os partidos progressistas, reunidos em uma federação, disputarão, em melhores condições, as chamadas sobras eleitorais — vagas não preenchidas pelo quociente eleitoral. “Quem tem mais votos no conjunto se beneficia. Por exemplo: os partidos de esquerda, separados, teriam 15 cadeiras a menos do que terão juntos, como uma federação”, frisa Queiroz.

O diretor do Diap também considera que as forças conservadoras

Marcos Corrêa/PR



Jair Bolsonaro com Arthur Lira e Ciro Nogueira, caciques do Centrão, grupo que ficou mais poderoso no atual governo

terão menos potencial nesta eleição do que na passada, porque, hoje, não há o mesmo clima de contestação do sistema político — que foi embalado pela Lava-Jato, pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) e pelas grandes manifestações de rua.

“Plebiscito”

O professor Paulo Calmon, do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB), avalia que as eleições terão um caráter plebiscitário para o bolsonarismo. “É difícil prever neste momento, porque estaremos diante de circunstâncias muito

distintas daquelas com as quais deparamos nas últimas eleições. Mas arriscaria dizer que o foco será na gestão da economia e da pandemia, colocando o governo Bolsonaro em xeque e abrindo espaço para uma grande renovação na Câmara”, sustenta. “No Senado, onde cada estado elegerá apenas um parlamentar, as mudanças tendem a ser menores.”

Segundo o docente, o cenário para os bolsonaristas será muito mais adverso no próximo pleito, porque, “além de se tornarem ‘vitrine’, terão de enfrentar não apenas a competição de uma federação de partidos de esquerda, mas também de

outras legendas de centro-direita que rejeitaram a aliança com os apoiadores do presidente”.

Já o cientista político e pesquisador Leonardo Queiroz Leite chama a atenção para os possíveis impactos que a construção de uma terceira via, formada por siglas de centro-direita, terá nas eleições proporcionais. “Uma questão que nós temos de observar é a força que a chamada terceira via terá, principalmente após a filiação do (ex-juiz da Lava-Jato Sergio) Moro ao Podemos. É um campo conservador, de direita, mas não uma direita tosca, estridente, extremista, negacionista, como esta que está com

Bolsonaro”, enfatiza Queiroz.

Ele também compartilha da opinião de que este não deve ser um ano positivo para os candidatos que pretendem atrelar sua imagem à do presidente. “É preciso observar o declínio de Bolsonaro, que está cada vez mais evidente, com elevadas taxas de reprovação, queda de popularidade, enfim. Isso tende a refletir naqueles candidatos ao Congresso que tentam ir nessa onda, que, na minha avaliação, deve ser mais fraca do que aquela do bolsonarismo, do antipetismo, do lavajatismo, que impulsionou Bolsonaro e uma grande bancada”, acredita o especialista.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Tudo é divino e maravilhoso, apesar das incertezas de 2022

Gosto do nosso cancionário popular. Faz a crônica da vida como ela é, sozinha com o que deveria ser. As obras de Sérgio Cabral, o pai, e Rui Castro sobre o samba e a Bossa Nova, principalmente, mostram muito como a canção popular influencia e reflete o comportamento do povo. Em paciente garimpo cultural, Franklin Martins nos conta a história política da República, em três volumes, a partir da nossa música popular. Um comentário do antropólogo baiano Antônio Risério sobre a jovem Gal Costa me fez viajar aos anos duros do regime militar. No álbum *Domingo*, de janeiro de 1967, com Caetano Veloso, Gal escancarava a influência de João Gilberto. Já em *Baby*, de janeiro de 1969, com canções que antecederam a rebordeada do Ato Institucional nº 5, mostra que a Tropicália antecedeu o endurecimento do regime e o exílio de Caetano e Gilberto Gil.

Ouçó *Divino Maravilhoso*: “Atenção Tudo é perigoso/ Tudo é divino maravilhoso/ Atenção para o refrão/ É preciso estar atento e forte/ Não temos tempo de temer a morte/ É preciso estar atento e

forte/ Não temos tempo de temer a morte”. Em tempos de necropolítica, o tema da morte se tornou recorrente. Já são dois anos de pandemia no Brasil, com saldo de 619 mil mortos nesta largada de 2022. Entretanto, precisamos celebrar a vida, como no célebre LP *Tropicália ou Panis et Circencis*, de 1968, de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes e Tom Zé.

O movimento influenciou Hélio Oiticica nas artes plásticas, Glauber Rocha no Cinema Novo, José Celso Martinez Corrêa no teatro brasileiro. Me-xeu muito com a nossa música popular, embora tenha resultado na prisão e, depois, em três anos de exílio para a dupla Caetano e Gil.

Mesmo assim, a esperança não morreu, como aquela menina dos olhos verdes de Mario Quintana. É o nosso caso neste ano: 2022 se inicia arrastando as correntes do passado. Será um ano muito duro, de grandes incertezas, mas a vida sempre vale a pena, se a alma não é pequena — desculpem-me o poético lugar comum.

ARRASTAMOS AS CORRENTES DO PASSADO. SERÁ UM ANO MUITO DURO, MAS A VIDA SEMPRE VALE A PENA, SE A ALMA NÃO É PEQUENA — DESCULPEM-ME O POÉTICO LUGAR COMUM

Ancoragem

Quais são as nossas grandes incertezas de 2022? A primeira é a pandemia, claro. A variante ômicron avança numa velocidade inédita pelo mundo, mas é menos letal e a vacinação em massa vem sendo eficaz para evitar internações e mortes, exceto para os não vacinados. Dessa variável sanitária resultarão o nível de atividade econômica e o fluxo das cadeias globais de comércio.

A segunda é econômica, principalmente a inflação e o nível de emprego, em razão do problema fiscal. O governo furou o teto de gastos, o Banco Central (BC) elevou os juros e os agentes

econômicos seguraram os investimentos. Recessão é sinônimo de agravamento da crise social, que já registra 54% da população com algum nível de insegurança alimentar.

A terceira incerteza chama-se Jair Bolsonaro. O presidente da República é imprevisível, não respeita os paradigmas da política democrática nem seus limites constitucionais. Somente a correlação de forças políticas o contém. Até que ponto ela será suficiente para resguardar as instituições democráticas?

Do ponto de vista econômico, o Brasil está ancorado nas suas contas externas, com reservas de US\$ 364,2 bilhões, e na produção do setor agropecuário, que

deve bater novos recordes. Entretanto, isso não resolve os problemas do povo, apenas consolida um modelo agrário-exportador e fortalece um projeto político que lembra muito a receita de Oliveira Vianna, em *Populações Meridionais do Brasil*. É aí que mora o perigo. Bolsonaro tem uma concepção autoritária de poder e nele pretende permanecer, para levar adiante ideias autocráticas, com apoio de um terço da população, para o qual governa.

Essa opção do presidente é uma tática para garantir um lugar no segundo turno nas eleições, meio caminho para a reeleição. Mas também pode ser uma estratégia, pois trata-se da população que o apoia para impor seus desejos e lhes garantir privilégios perante a sociedade. Bolsonaro também dispõe de uma milícia política numerosa e armada até os dentes.

E o divino e maravilhoso? São as eleições de outubro, quando o povo decidirá nas urnas qual o destino a seguir. É preciso estar atento e forte para que seus resultados sejam respeitados. Venha 2022, estamos aí!